



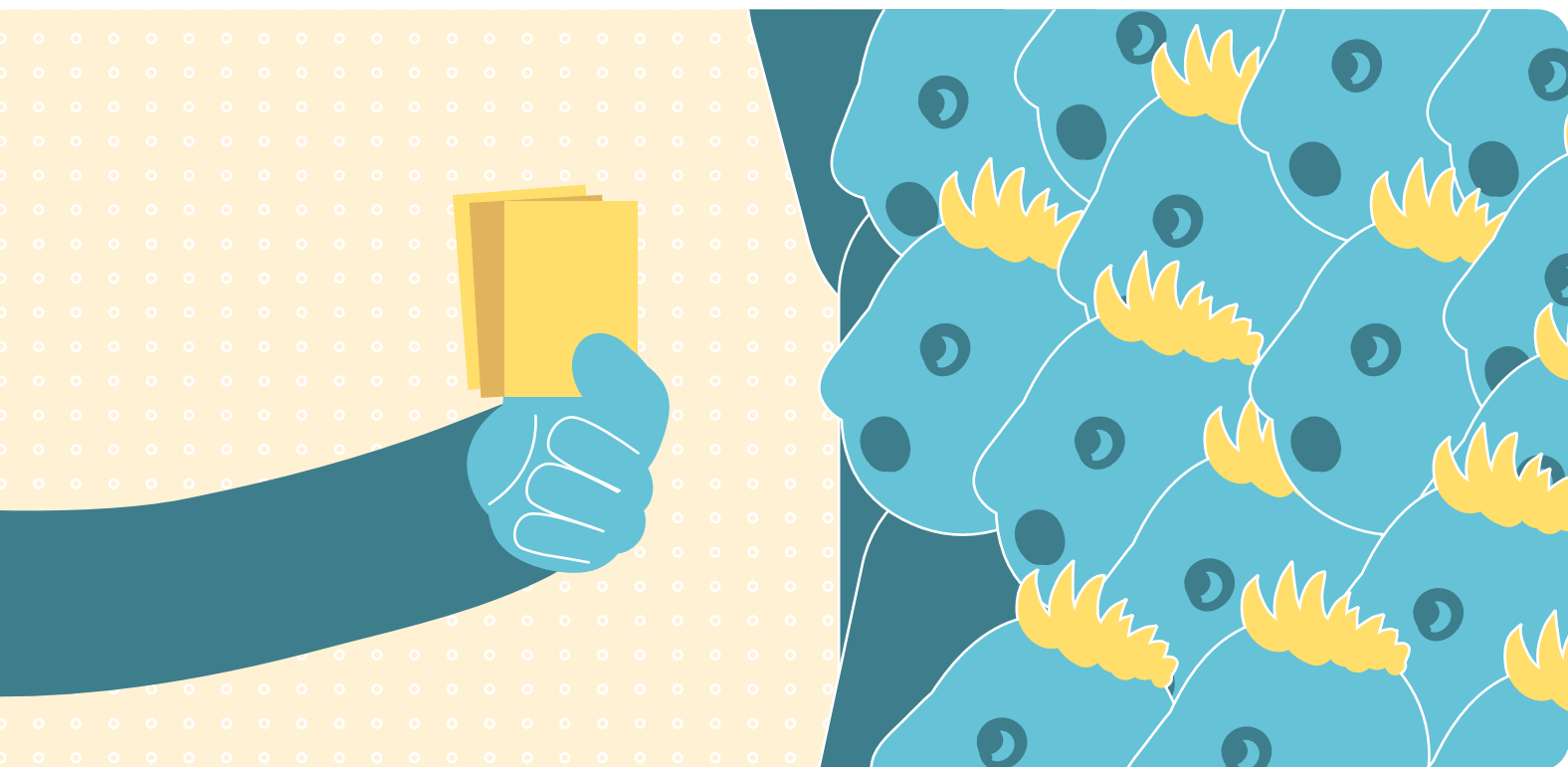
Possíveis usos e desusos ao publicar ciência:

conjecturas a partir de evidências, não
necessariamente nesta ordem

João Carlos Canossa-Mendes

Foi presidente da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU). Atualmente é diretor de Comunicação da ABEU e também vice-presidente para a Região Atlântica da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e Caribe (EULAC). Desde 1996, é editor executivo da Editora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).





Muito me honrou o convite que recebi do amigo Juan Felipe Córdoba-Restrepo, por intermédio da sempre gentil e solícita Tatiana Morales, para arriscar algumas – como se diz no Brasil – *mal traçadas linhas* acerca dessa cachaça¹ que é a edição universitária. Aliás, outro querido amigo, o José Castilho, a define como “bela encrenca na qual a gente se meteu”. Enfim, tentei levar o convite a sério, mesmo, até que se interpuseram as rotinas, a agenda, o trabalho, a [fraca] memória, as dores, a suspeita de Covid e um rosário de adventos que, ao fim e ao cabo, devem ter mesmo mais a ver com a idade, que vai acelerada.

Comecei e recomecei algumas vezes. Metaforicamente, folhas ao cesto! Nada me apetecia, ou convencia, no tanto que pode haver (e há!) a falar sobre o assunto. E ia com outro texto a meias, querendo já ensaiar algum efeito “cerrativo” quando, num debate franco, ouvi sobre cifras que se pagam nas instituições tupiniquins pela publicação de artigos em acesso aberto, especialmente nas revistas internacionais tidas como de alto impacto ou alta referência ou alta performance.

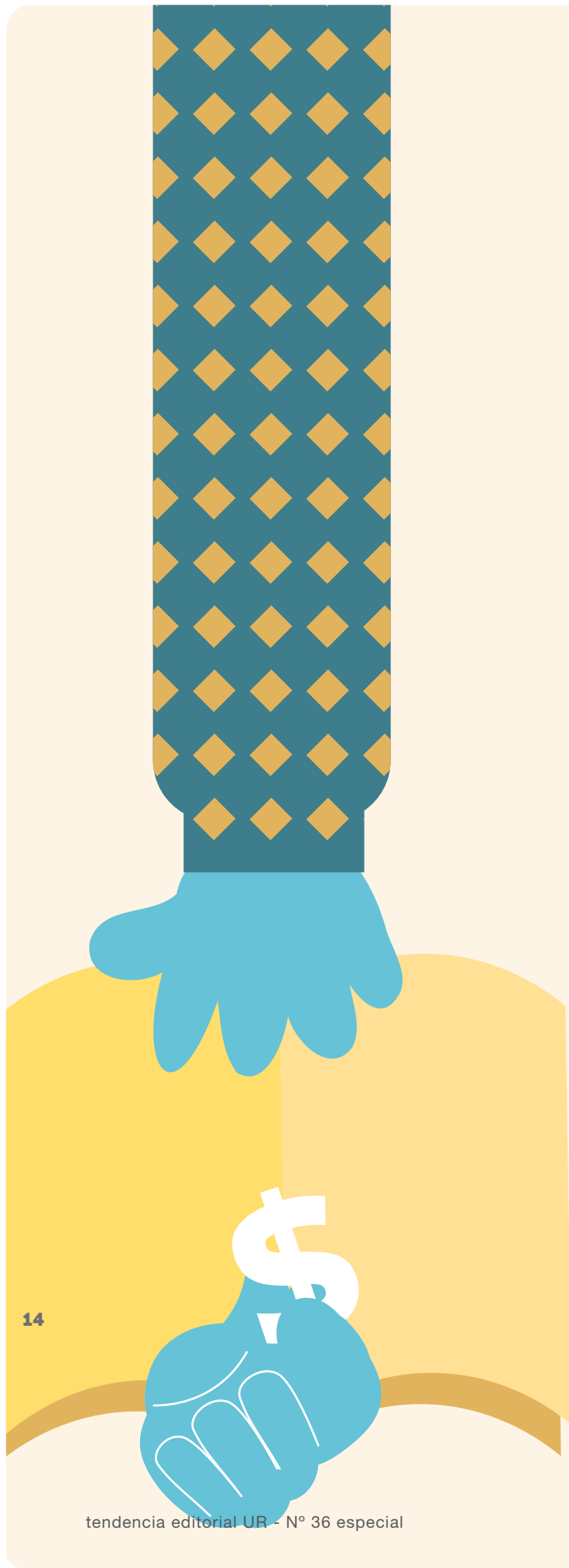
Importante: nada contra nenhum veículo sério, que difunde ciência séria, baseada em estudos e pesquisas sérias, empreendidas por pesquisadores sérios. Absolutamente nada! Meu assombro se dá quando olho para o paralelo que é o investimento que tem sido feito, em

especial no Brasil e/ou na América Latina, nas próprias editoras de livros acadêmicos (ou revistas científicas) sérias que difundem ciência séria... *et cetera* e tal.

Se como Jorge Luis Borges jurou, “o livro é para eternizar a memória”, me parece que ele, o livro, poderia estar em pé, senão de igualdade, quiçá de consideração na formação, na difusão do conhecimento, mas, sobretudo, na pontuação daqueles que avaliam a ciência e seus modos de comunicação.

Falo de um lugar privilegiado, eu sei. Sou editor executivo em uma editora acadêmica pertencente a uma instituição que privilegia o acesso aberto e preza pela comunicação pública do conhecimento, que estive e está na vanguarda da ciência e dos dados abertos, que

¹ Segundo o *Dicio - Dicionário Online de Português*, “aguardente brasileira obtida da borra do melão ou do próprio melão da cana-de-açúcar”. Contudo, no sentido figurado, “mania, obsessão, paixão dominante”. (<https://www.dicio.com.br/cachacas/>)



tem políticas estabelecidas – amplamente discutidas e validadas em distintos fóruns – de acesso aberto, de ciência aberta, de comunicação, de divulgação científica, entre outras. Mas, quando volto os olhos para aqueles que chegam aos nossos *campi* para se especializar ou pós-graduar em saúde pública/saúde coletiva, biológicas ou biomédicas em saúde e áreas correlatas, e penso o quanto mais deles poderiam se beneficiar de bolsas, de auxílios-permanência, de formação complementar (em línguas, por exemplo) ou, em suma, de incentivos para uma formação mais abrangente e plena, me pergunto onde estará o fiel da balança que equilibrará a importância e o impacto de se publicar em periódicos de ponta, sem descuidar de fortalecer a produção de livros e periódicos de importância científica nacionais e institucionais). E, o mais importante do importante, penso no cuidado, na permanência e na qualificação dos profissionais que preparamos para dar conta dos problemas de nossas sociedades complexas, multifacetadas, polifônicas e, infelizmente, ainda tão desiguais.

Está superada a discussão livro x artigo, não se trata mais disso; nunca se tratou, na verdade. Cada área do conhecimento já encontrou, histórica e organizativamente, sua forma de expressão e comunicação. A própria ciência tem denotado, em seus *modus* e *práxis*, a necessidade de se costumizar nestes novos tempos *instragrâmicos* e/ou *tictocquianos*. O movimento tem sido o desencastelamento gradativo e uma aproximação cada vez maior das realidades – e misérias – humanas. Se não para dar solução aos problemas de nossas populações, qual o sentido do nosso fazer?

Sejamos mais generosos e corajosos ao pensar orçamentos e possibilidades. Que os índices de impacto e afins não se sobreponham às reais necessidades de efetivas políticas públicas e de Estado em prol de nossa ciência, nossas formas de comunicar e difundir ciência e, sobretudo, nosso real sentido de fazer ciência: a nossa gente!

